

O livro divide-se em quatro grandes partes. Uma primeira parte constitui uma introdução bem fundamentada ao texto em edição, na qual a A. discute problemas como a autoria, a datação, a contextualização histórica, a estrutura do texto, as fontes e o estilo literário. A segunda parte propõe uma lição do *Panegírico*, sem todavia apresentar uma tradução para italiano (como seria de esperar) do texto latino. Se esta é uma menos-valia do livro em recensão, o comentário que a A. faz de forma bastante cuidada e pormenorizada é de uma riqueza e qualidade científica indiscutíveis. Note-se que o comentário, feito com base na edição crítica de D. Lassandro (que assina também o preâmbulo do livro) publicada em Turim no *Corpus Scriptorum Latinorum Paravianum* em 1992, é tecido passo a passo e ocupa um total de 377 páginas, quando a lição propriamente dita ocupa apenas 17.

O livro inclui ainda um índice dos principais termos e conceitos referidos ao longo do texto latino e uma bibliografia bastante completa e actualizada.

Esta edição do *Panegírico de Constantino* veio ocupar um lugar da maior importância nos estudos da Baixa Antiguidade, tornando-se instrumento de consulta obrigatório para todos os que a ela se dedicam, em particular para os que trabalham no domínio dos estudos políticos e retóricos do período em questão.

NUNO S. RODRIGUES

Universidade de Lisboa

nonnius@letras.ulisboa.pt

http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_67_23

LEÃO, Delfim, Cornelli, Gabriele, Peixoto, Miriam C. (Coord.), *Dos Homens e suas Ideias: Estudos sobre as Vidas de Diógenes Laércio*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia, 2013, 286 p. ISBN 978-989-721-041-9.

Os quinze trabalhos publicados nesta obra são, como é referido na nota de apresentação, o resultado de dois seminários, o primeiro em Dezembro de 2011, na cidade de Brasília, e o segundo em Março de 2012, em Ascea Marina, antiga cidade de Eleia. Estes seminários reuniram investigadores da *Cátedra UNESCO Archai* (Universidade de Brasília), do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos (Universidade de Coimbra) e do Grupo *Filosofia Antiga* (Universidade Federal de Minas Gerais), com o objectivo de estudar diversas temáticas das *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*

de Diógenes Laércio e de preparar uma tradução em língua portuguesa dessas obra.

Delfim Leão descreve e analisa a tradição dos Sete Sábios, detendo-se, em particular, no Livro I de Diógenes Laércio e na figura de Sólon. Esta tradição surge pela primeira vez referida, de forma completa, no *Protágoras* (343a) de Platão, embora já Heródoto mencione o nome dos *sophoi* (menos Cleobulo e Míson), mas sem uma noção de *sylloge*. O Autor manifesta-se favorável à tese de que a tradição dos Sete Sábios é, provavelmente, bastante anterior a Platão. Quanto ao testemunho de Diógenes Laércio sobre a vida de Sólon, argumenta o Autor que o retrato do legislador é bastante idealizado, com recurso excessivo a histórias anedóticas, e que, por isso, não se trata de uma fonte fidedigna. Esse não seria, aliás, o propósito da doxografia de Diógenes Laércio, ainda assim, é por meio dele que nos chegaram alguns versos da poesia de Sólon, como o da elegia composta por altura do conflito entre Atenas e Mégara (=frgs. 2 e 3 West).

Marta Várzeas, no seu estudo, procura reforçar o papel que a tradição dos Sete Sábios desempenhou na formação da identidade helénica. Partindo da afirmação de Diógenes Laércio no final do Livro I (“Estes são os chamados sábios. Mas deve-se falar dos filósofos”), a Autora começa por abordar o complexo tema da distinção entre poetas, sábios e filósofos, reivindicando para si, tanto poetas como sábios, o estatuto de educadores da Hélade. O próprio Diógenes Laércio equipara os poetas antigos aos primeiros filósofos. Na verdade, os sábios, podendo incluir-se neste grupo alguns poetas, apresentaram uma forma diferente de olhar o mundo relativamente à axiologia homérica. Além disso, as máximas da tradição sapiencial associada aos Sete Sábios, da qual Diógenes Laércio nos oferece uma lista bastante exaustiva, foram sendo reformuladas por poetas, como Simónides, Píndaro ou Sófocles. Isto revela a importância dos Sete Sábios na formação da identidade helénica. Por isso, para Diógenes Laércio, como bem defende a Autora, são precursores, num caminho em que a filosofia desempenhará um papel essencial, mas que também os poetas ajudaram a desbravar.

Edrisi Fernandes dedica o seu estudo à forma como Diógenes Laércio descreve o ‘Outro’, aquele que vive perto de zonas geográficas colonizadas pelos Gregos, na Ásia Menor, onde viria a nascer a filosofia grega. Numa perspectiva mais literária e biográfica do que histórica, Diógenes Laércio, segundo o Autor, evidencia o seu helenocentrismo ao defender a criação da filosofia pelos Gregos, reconhecendo que vários gregos, como por exemplo

Pitágoras, foram influenciados pela sabedoria oriental. Ainda assim, Diógenes Laércio refere muitas informações e testemunhos relevantes sobre o ‘Outro’ e a presença do zoroastrianismo na cultura grega. Neste estudo, reflecte-se, ainda, sobre questões tão importantes como a identidade e a alteridade ou o diálogo entre Ocidente e Oriente.

Miriam Peixoto, limitando-se às biografias do Livro IX, analisa como Diógenes Laércio expõe a vida e a morte dos filósofos pré-socráticos. Neste estudo, defende-se, em síntese, duas teses: a ordem pela qual Diógenes Laércio apresenta as vidas, de Heraclito a Tímon, tem a intenção de estabelecer uma continuidade entre Demócrito e Pirro; além disso, procura-se provar que Diógenes Laércio não tenta unicamente uma compilação de factos e opiniões, mas, por meio deles, salienta a *uis philosophica*. A Autora reflecte sobre a intenção, um pouco velada, de Diógenes Laércio ter uma concepção da filosofia como actividade em que não se consegue dissociar a vida do pensamento (“interfecundação recíproca”, nas palavras de Edgar Morin, citadas no artigo). Uma parte substancial deste estudo é dedicada a descrever como a doxografia laerciana concebe a morte, ou a vida que prepara a morte, como momento inevitável e que traduz a efemeridade da natureza humana. Nesse sentido, a parte que as biografias dedicam à morte é fundamental para entender o valor de um *bios*.

Livio Rossetti dedica o seu estudo a analisar o valor que Diógenes Laércio atribui à *ges periodos* de Anaximandro, que terá sido o primeiro a desenhar o perímetro da terra e do mar, além de se ter distinguido por haver construído uma esfera. Percorrendo, em pormenor, várias fontes antigas, o Autor prova que o *pinax* de Anaximandro foi uma valiosíssima descoberta científica, em particular para a geografia, mas que foi, injustamente, bastante esquecida pela tradição.

O contributo de Nestor-Luis Cordeiro é, como o próprio refere, um “contributo metodológico” (102) sobre a problemática presença de Xenófanes na cidade de Eleia. Segundo Platão, Xenófanes teria sido o criador do grupo eleático (*Sofista* 242c). A partir desta referência, iniciou-se uma tradição que fez de Xenófanes o mestre de Parménides. Porém, nenhuma fonte antiga confirma que Xenófanes esteve em Eleia. No entanto, o prestigiado filólogo alemão Hermann Diels (*Die Fragmente der Vorsokratiker*, 1903) usou um manuscrito para o texto de Diógenes Laércio (Livro IX.18), em que se refere Xenófanes, mas com uma lacuna. Daí, conjecturou Diels que na lacuna haveria uma referência a Eleia. Esta conjectura, além de polémica, não é confirmada pela tradição. Depois da publicação de Diels,

várias traduções dos seus fragmentos transformaram, surpreendentemente, uma simples conjectura num texto autêntico!

Marcelo Marques, por sua vez, reflecte sobre o conceito de vida em Diógenes Laércio, concentrando-se na figura de Platão e no Livro III, para confrontar as duas formas de ser filósofo: a ‘dogmática’ e a ‘céptica’. Verifica-se, segundo este estudo, uma cisão na obra de Diógenes Laércio entre vida e doutrina, sinal de uma tendência dogmática da filosofia. Um contributo interessante deste estudo é a identificação de Sexto Empírico como fonte de Diógenes Laércio.

Rodolfo Lopes dedica o seu estudo à problemática divisão do *corpus Platonicum*, confrontando várias hipóteses e diferentes abordagens. Partindo da divisão tetralógica de Diógenes Laércio (Livro III.56-62), que se mantém na edição de referência (Burnet 1900-1907), o Autor procura encontrar a origem desta tradição e identificar algumas variantes. Note-se que também Diógenes Laércio aponta para um modelo alternativo, em que o *corpus* é dividido em grupos de três diálogos, divisão que atribui a Aristófanos de Bizâncio. Outros autores, no entanto, sugerem que a origem das duas divisões data da Academia Antiga. O facto de os testemunhos serem fragmentários não permite identificar com acribia a origem da referida tradição, logo a atribuição a Trasilo da divisão tetralógica é meramente convencional.

Ana Ferreira compara o tratamento que Plutarco e Diógenes Laércio fazem do filósofo Anaxágoras, consciente de que este exercício comparativo é complexo: enquanto Diógenes Laércio lhe dedica uma biografia inteira, Plutarco apenas faz alusões ao filósofo pré-socrático em algumas biografias e também nos tratados morais. Para a Autora, tanto Plutarco como Diógenes Laércio terão tido acesso a fontes semelhantes e a uma tradição comum, atendendo à semelhança com que apresentam a informação. Contudo, por via de concepções diferentes do género biográfico, Diógenes Laércio interessou-se mais pelas questões teóricas do pensamento de Anaxágoras, enquanto Plutarco privilegiou as consequências das suas ideias, sobretudo como mestre de Péricles. Por fim, este estudo também defende que a biografia plutarquiana está melhor estruturada do que a doxografia laerciana, em geral mais confusa.

António P. Mesquita analisa, exclusivamente, o Livro V da obra de Diógenes Laércio. Esse livro está dividido em seis capítulos, cada um dedicado a filósofos peripatéticos ou ligados à escola peripatética, pela seguinte ordem: Aristóteles de Estagira, Teofrasto de Éfeso, Estratão de Lâmpsaco, Lícon de Troa, Demétrio de Faleros e Heraclides Pôntico. Esta listagem, como salienta o Autor, é heterogénea, omite conhecidos

pensadores do Perípatos e também não refere figuras relevantes próximas do círculo aristotélico. Além disso, a sucessão das notícias não segue uma ordem cronológica e a inclusão de Heraclides Pôntico também causa alguma estranheza, pois nunca se juntou a Aristóteles e fundou mesmo uma escola própria. Em virtude da sua concepção doxográfica, Diógenes Laércio terá tomado estas opções, mas também terá sido influenciado pelas fontes que usou, como por exemplo Hermipo de Esmirna. No restante trabalho, o Autor confronta com várias fontes as informações contidas em cada uma das vidas das seis figuras, seguindo uma estrutura padronizada, em que se conclui, por exemplo, que Diógenes Laércio é uma fonte relevante para conhecer a vida de Teofrasto, mas não tanto a de Aristóteles.

Fernando R. Puente, tal como o estudo anterior, baseia a sua análise no Livro V, detendo-se, em particular, nos capítulos 30 e 31, de forma a perceber qual a concepção de *bios* de Diógenes Laércio, por comparação com Aristóteles. O Autor, confrontando vários estudos, discute o conceito de doxografia, um género de escrita tantas vezes injustamente menosprezado, mas que, segundo o Autor, é essencial para entender a actividade filosófica. Se em Diógenes Laércio, o termo *bios* pode ser entendido como 'modo de vida', conciliando-se a prática e teoria, logo próximo da leitura de P. Hadot, já em Aristóteles a questão é mais complexa, por causa de distinção dos vários géneros de vida (vida prática e vida política, por oposição à vida teórica ou filosófica). Contudo, deve-se substituir a leitura de que a prática se opõe à teoria, em Aristóteles, por uma ideia de continuidade: da prática à teoria ou da teoria aplicada (*phronesis*) à boa conduta (*eupraxia*).

João Diogo Loureiro dedica o seu trabalho à figura de Diógenes de Sínope e ao kinismo, grafia seguida pelo Autor, na linha da distinção entre kinismo e cinismo preconizada por Sloterdijk. No Livro VI, Diógenes Laércio dedica uma parte ao fundador do kinismo, Diógenes de Sínope, ainda que, como este trabalho salienta, o papel de Antístenes não deva ser descurado. Numa estrutura bipartida, o Autor considera que, do ponto de vista moral, o kinismo olhou para a relação entre homem e natureza de forma interessante, mas não conseguiu entender o valor da necessidade para o ser humano; na segunda parte, questiona-se o conceito da *autarkeia* cínica, ou seja, como pode o homem ser, sozinho, auto-suficiente se o homem é um ser com vocação social? Segundo o Autor, o kinismo não terá perscrutado, na totalidade, a condição humana.

O estudo de José Luís Brandão procura provar que a obra de Diógenes Laércio se enquadra no género biográfico. Numa primeira parte, analisa-se,

em pormenor, os primórdios da escrita biográfica, em particular o papel que a escola peripatética terá tido no desenvolvimento e estabelecimento das regras deste género. Na segunda parte, com base no Livro VII, o Autor identifica os elementos característicos do género biográfico, concluindo que Diógenes Laércio merece ser integrado na tradição biográfica, pela forma como valoriza o *bios* e o *ethos*, do nascimento até à morte, com várias informações históricas, que resultam do uso das fontes, além de recorrer a histórias de carácter mais anedótico.

Fernando Santoro, com base no Livro III, capítulo 9, analisa um possível caso de plágio por parte de Platão. Nesse passo, Diógenes Laércio, citando Alcimo, faz referência a uma acusação de plágio das obras do comediógrafo Epicarmo contra Platão. Como salienta o Autor, vários historiadores helenistas acusaram Platão de plagiar os pitagóricos. No caso de Alcimo, como é referido por Diógenes Laércio, essa alusão tem uma clara matriz aristotélica. Note-se que, na linha de vários estudos, Epicarmo terá desempenhado um papel importante na génese do diálogo platónico. Conclui este estudo que, no plano doutrinal, se trata de um caso de influência e não de plágio por parte de Platão.

No último estudo deste volume, Gabriele Cornelli identifica os elementos principais do *bios* de Pitágoras, no Livro VIII. Além desta, chegaram-nos, na época imperial, várias biografias de Pitágoras, mas são sobretudo de salientar as de Porfírio e Jâmblico. Identificando várias fontes que nos ajudam a perceber a *traditio* e as várias problemáticas relacionadas com a vida e obra (quantos e quais livros?) de Pitágoras, o Autor salienta que o testemunho de Diógenes Laércio, tendencialmente diferente do exposto em outras biografias, se reveste, também por isso, de grande importância, tanto do ponto de vista filosófico, como histórico.

Em conclusão, louve-se a publicação de um volume dedicado a um autor muitas vezes esquecido entre nós. Ainda que por vezes falte alguma uniformidade (traduções com e sem texto grego; a forma de citar os estudos em nota de rodapé; títulos distintos para a obra de Diógenes Laércio), isso em nada diminui o valor desta obra, bem apoiada em bibliografia de referência e actualizada. De grande utilidade são também os dois índices finais (*index nominum* e *index locorum*).

JOAQUIM PINHEIRO

Universidade da Madeira

joaquim.pinheiro@staff.um.pt

http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_67_24